Gravação para a RTP
15 de Abril, às 21H30, com apresentação de Júlio Isidro e Sílvia Alberto

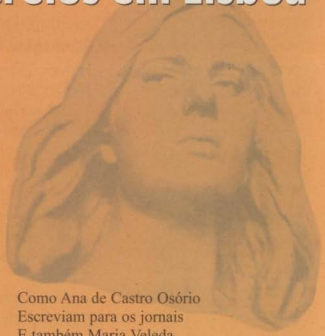
referencial

Boletim da Associação 25 de Abril ▪ Director: Pedro Pezarat Correia ▪ N.º 97 ▪ Janeiro – Março 2010

HOMENAGEM À MULHER PORTUGUESA

Gala mostra República de Abril no Coliseu dos Recreios em Lisboa

As mulheres da República



A República é mulher
Escreve-se no feminino
E também é a matriz é o sentido e a raíz
Que traça o nosso destino

Estavam na primeira linha
As da liga republicana
De antes quebrar que torcer
Combatentes a valer
Mantendo acesa a chama

Havia grandes mulheres
Como Adelaide Cabete
Ou Carolina Beatriz
Daquelas de quem se diz:
"Com elas ninguém se mete"

Eram médicas e livres
E sabiam que a verdade
É um valor imortal
Única coisa real
Que triunfa tarde ou cedo

Eram escassos os direitos
Das mulheres em Portugal
Mas caiu a monarquia
E sobrou-lhes energia
Para o que era essencial

Como Ana de Castro Osório
Escreviam para os jornais
E também Maria Veleda
Com a monarquia em queda
Entre muitas outras mais

Quando vieram p'rá rua
Alegres, livres fraternas
Falaram em nome do povo
Que queria um regime novo
Entre as pátrias modernas

Eram mulheres e irmãs
e falavam de igualdade
com a lúcida firmeza
de quem senta à sua mesa
a fraterna Liberdade

(José Jorge Letria/Carlos Alberto Moniz)

Referencial

Propriedade: Associação 25 de Abril
Pessoa colectiva de utilidade pública-Declaração n.º 104/2002, DR, II Série, n.º 91 de 19 de Abril + Membro Honorário da Ordem da Liberdade

Presidente da Direcção:
Vasco Lourenço

Director:
Pedro Pezarat Correia

Editor:
José António Santos

Fotografia:
Fernando Farinha (editor)
Nuno Augusto
Agência Lusa

Colaboradores:
Artur Custódio da Silva,
David Martelo, Fernando da Vaza Pinheiro, João Magalhães, José Barbosa Pereira, José Fontão, Luís Galvão (Bridge),
Luís Vicente da Silva (cartoon),
Manuel Loff, Maria Manuela Cruzeiro, Nuno Fisher Lopes Pires,
Nuno Santa Clara Gomes

Sede nacional, Administração e Redacção
Associação 25 de Abril
Rua da Misericórdia, 95
1200-271 Lisboa
Telf.: 21 324 14 20
Fax: 21 324 14 29
E-mail: a25a.sec@25abril.org
www.25abril.org

Delegação Norte
Escadas do Barredo, 120 R/C Esq.º
4050-092 Porto
Telf./Fax: 22 203 11 97
E-mail: a25a.del-norte@25abril.org

Delegação Centro
Apartado 3041
3000 Coimbra
E-mail: a25a.del-centro@25abril.org

Delegação do Alentejo
Bairro da Esperança, Edifício 2,
Bloco 3 - loja, r/c
7560-145 Grândola
E-mail: a25a.del-alentejo@25abril.org

Delegação do Canadá
153 Hamilton St
Toronto-Ontario M4M 2C9

Execução Gráfica
Pré-impressão:
Ana Seromenho
Impressão e acabamento:
Armazéns de Papéis do Sado, Lda.
Rua Álvaro Castelões
2900-214 Setúbal
Tel. 265 229 258
www.apsabado.pt
apsado@apsado.pt

Tiragem: 6200 Exemplares

Distribuição gratuita

Publicação periódica trimestral
inscrita na Entidade Reguladora para a Comunicação Social,
sob o n.º 125626

Depósito legal n.º 32 998/89

Mulher portuguesa

NO SEGUIMENTO dos espectáculos **Vozes de Abril** e **Vozes que Abril Abriu**, decidiu a Associação 25 de Abril aceitar o convite da Rádio e Televisão de Portugal e organizar um novo espectáculo comemorativo do 25 de Abril.

No ano do 100.º aniversário da República, considerámos que, ao comemorar Abril, devíamos realçar a forte ligação entre os valores que nos levaram à gesta de 1974 e os valores que haviam levado outros, há cem anos, a implantar a República em Portugal.

Os tempos foram diferentes, as conjunturas políticas e sociais também, mas os valores, os ideais, caldeados em Abril por mais sessenta anos de experiência – onde uma guerra em três frentes, de 13 anos ocupava um lugar muito importante –, eram muito semelhantes.

Sou dos que defendem, mesmo contra regras formais, que em 25 de Abril de 1974 retomámos a república em Portugal, iniciámos a II República.

Sei que República e Democracia não são sinónimos, sei que Monarquia e Ditadura não são a mesma coisa, há repúblicas ditatoriais, como há monarquias democráticas. Mas, por muito que as regras que definam umas e outras digam o contrário, considero que em 28 de Maio de 1926 foi interrompida a República, que só viria a ser retomada em 25 de Abril de 1974.

Considero pois que, comemorar 100 anos de República impõe fazê-lo invocando também Abril.

No mesmo sentido, comemorar Abril neste centenário da República impõe também fazê-lo em ligação à gesta do 5 de Outubro de 1910.

É isso que fazemos, com o espectáculo **República de Abril**.

E consideramos que, ao decidir homenagear a Mulher Portuguesa, o fazemos de forma bastante feliz: pois se a República é,

desde sempre, uma figura feminina; se as mulheres tiveram um papel importante, indevidamente não divulgado, na luta contra a ditadura, na implantação da democracia, no apoio aos autores materiais do 25 de Abri; se a Mulher Portuguesa é a melhor imagem do sucesso da Revolução dos Cravos, ou não sejam as suas conquistas as mais fortes e perenes da mesma; é evidente que ao homenagearmos a Mulher Portuguesa, estamos a homenagear a República e Abril!

Contamos conseguir um espectáculo com a dignidade e a grandeza a que já habituámos os Portugueses.

Não vamos fazer uma evocação histórica do papel da Mulher, nem nomear directamente todas as mulheres que, com mais ou menos importância, mais ou menos realce, se distinguiram na vida portuguesa destes 100 anos.

Pretendemos homenagear a **Mulher Portuguesa**, esperando que todas as que merecem ser homenageadas, mais conhecidas, ou mais anónimas, se sintam representadas pelas que aqui irão ser evocadas, como símbolos de todas as outras.

Como presidente da Direcção da A25A, resta-me agradecer o apoio da RTP, sem o qual esta iniciativa não seria viável.

Mas também o apoio do Júlio Isidro e da sua equipa, fundamentais na criação, organização e produção deste evento musical.

E ainda a disponibilidade de todas e todos que aceitaram participar nesta festa.

E, por último, seja-me permitido salientar a acção da equipa da A25A, coordenada pelo António José Augusto, como o José Luís Villalobos, o Carlos Guilherme Sanches de Almeida, o Artur Pita Alves, o António Belo e a Alice Monteiro. ■

Vasco Lourenço

Apresentação
Sílvia Alberto
Júlio Isidro

Autoria do Guião
Júlio Isidro

Textos
Júlio Isidro
Francisco Roldão

Pesquisa
Francisco Roldão

Director Musical
Carlos Alberto Moniz

Artistas Convidados
Guilherme Leite
Chapitô
Carlos Alberto Moniz
Mafalda Veiga
João Pedro Pais
José Mário Branco
Rita Guerra
Lena D'Água
Helena Vieira
Manuel Freire
Fernando Tordo
Odete Santos
Vitorino
Carlos Mendes
Maria João
Maria Viana
Maria Anadon
Maria do Amparo
Samuel
Oficina do Canto
Simone de Oliveira
Nuno Feist
Maria Barroso
Luísa Amaro
Carlos do Carmo
Bernardo Sassetti
Grupo de Teatro A Barraca
Maria de Medeiros
Isabel Cid
Ruy de Matos
Grupo Coral Feminino
Terra de Catarina de Baleizão

Gostar de Abril

O DONO DO PEQUENO restaurante de bairro olha para o televisor pendurado no canto da sala, e vê que na Assembleia da República se debate qualquer coisa que a música dos talheres não deixa perceber.

Comenta em voz bem alta para toda a gente ouvir: - "O 25 de Abril foi bom para os políticos e para os militares!" – E disse.

Nem um cliente reagiu de forma visível ou audível à afirmação. Também me calei, mas dei comigo a pensar que o tasqueiro tinha acabado de usar um direito conquistado em Abril sendo injusto para com… Abril.

Ele, que voltou depois de 1974, após anos duros na imigração em terras de França e que agora constrói com o seu trabalho dois pequenos restaurantes, tem uma filha que é doutora, uma casinha nos arredores e vai aos fins de semana à terra buscar as coisas boas que a sua quintinha lhe dá.

Ele que havia proferido em voz alta algo que há 36 anos lhe iria trazer muitos dissabores, no tempo em que os portugueses amordaçados eram ensinados a dizer "a minha política é o trabalho e o resto não me interessa".

Contudo, o ex-emigrante reflectia, muito do que é a opinião pública. O 25 de Abril foi um bom negócio para alguns e uma desgraça para outros.

É aqui que reside o pecado original da Revolução dos Cravos. Tem a fama mas não tem o proveito. O que de bom nasceu a 25 de Abril, é natural, nem se dá por isso. Melhor saúde, acesso igualitário ao ensino, tantas mulheres em profissões e cargos que lhes eram vedados, tantas férias na República Dominicana, tanta Europa. As injustiças que entretanto surgiram, são culpa do 25 do 4 como alguns proferem entre dentes.

Se o ex-emigrante, agora empresário de restauração, reclama sem razão, também os ricos e poderosos que conviviam de mãos dadas com a ditadura, só têm razões para gostar de Abril. Passa-

ram dois anos em terras do Brasil, viveram bem, integrados na alta sociedade de Copacabana, voltaram, recuperaram tudo e muito mais. São os mesmos, mais ricos e igualmente poderosos, e mesmo assim a olhar para um cravo como se fosse a flor do mal. E os novos-ricos que subiram na vida pela mão de uma profissão chamada a amizade certa no tempo certo?

É por isso que não entendo que se não goste de Abril. O país de há 36 anos só continuaria orgulhosamente isolado enquanto a civilização global não lhe entrasse pela porta dentro. E aí, a comunicação daria ainda mais força aos que queriam mudar "o estado em que aquilo estava".

Então porque é que se fustiga o 25 de Abril de culpas que ele não tem?

Direi que é o PECado original do qual pagamos agora penitência. Os portugueses sentem na pele que estão a pagar uma conta que não é da sua conta, e não percebem em que é que PECaram.

Com uma comunicação livre, custe a quem custar, os portugueses sabem que ser da classe média é PECado. Sabem que têm que pagar uma dívida que não contraíram e que a vida não é um bónus para todos.

É por isso que eu gosto de Abril. Como profissional da Comunicação Social sei que os meus concidadãos ainda têm a liberdade de serem informados e de se expressarem livremente.

Isso e muito mais, devem – sem ter que pagar qualquer conta – aos militares de Abril que fizeram uma Revolução com Cravos e que não consta que se tenham agarrado ao poder.

O PECado original de Abril é outra coisa. Está nos bónus de alguns e no ónus dos outros todos.

Mesmo assim, e respeitando o gosto de cada um, eu gosto de Abril! ■

Júlio Isidro

Produção Executiva
A25A
Vasco Lourenço
António J. Augusto
Carlos Sanches de Almeida
José Luís Villalobos Filipe

Apoio
A25A
António Belo
Alice Monteiro

Assistente Realização
A25A
José Luís Lopes

Coordenação de Produção de Conteúdos
Sandra Isidro
Sandra Carvalho
Ana Luz

Edição Imagens de Arquivo
Nunes Forte

Grafismos
RTP
Nicolau Tudella

Cenografia
RTP
Pedro Clérigo

Produção Técnica
RTP
Rui Filipe Oliveira

Produtor Delegado
RTP
Maria João Cargaleiro

Realização
RTP
Pedro Miguel

Patrocinador Exclusivo
RTP – Rádio Televisão de Portugal

Bernardo Sassetti

BERNARDO SASSETTI nasceu em Lisboa em Junho de 1970. Iniciou os seus estudos de piano clássico aos nove anos com a professora Maria Fernanda Costa e, mais tarde, com o professor António Meneres Barbosa, tendo frequentado também a Academia dos Amadores de Música.

Dedicou-se ao Jazz, estudando com Zé Eduardo, Horace Parlan e Sir Roland Hanna. Em 1987 começa a sua carreira profissional, em concertos e clubes locais, com o quarteto de Carlos Martins e o Moreiras Jazztet.

Como compositor destacam-se as suites "Ecos de África", "Sons do Brasil", "Mundos", "Fragments (Of Cinematic Illusion)", "Entropé" (para piano e orquestra) e "4 Movimentos Soltos" (para piano, vibrafone, marimba e orquestra). O seu primeiro trabalho discográfico como líder, Salsetti (Groove/Movieplay), foi gravado em Abril de 1994 com a participação de Paquito D'Rivera, o segundo, "Mundos" (Emarcy/Polygram), em Janeiro de 1996; "Nocturno", lançado pela editora Clean Feed em 2002, foi distinguido com o 1.º prémio Carlos Paredes. "Indigo" e "Livre" são outras das suas mais recentes gravações de piano solo para a mesma editora.

Dedica-se regularmente à música para cinema. Alguns trabalhos de composição para cinema: "Maria do Mar" de Leitão Barros, "Facas e Anjos" de Eduardo Guedes, "Quaresma" de José Álvaro Morais, "O Milagre Segundo Salomé" de Mário Barroso, "A Costa dos Murmúrios" de Margarida Cardoso, "Alice" de Marco Martins (por estrear), o documentário "Noite em Branco" de Olivier Blanc e a curta-metragem "As Terças da Bailarina Gorda" de Jeanne Waltz. Como solista, participou também no filme "Pax" de Eduardo Guedes e na curta-metragem "Bloodcount" de Bernard McLoughlan.

Actualmente, como concertista, apresenta-se em piano solo, em trio com Carlos Barretto e Alexandre Frazão ou em duo com o pianista Mário Laginha, com quem gravou os CDs "Mário Laginha/Bernardo Sassetti" e "Grândolas" (uma homenagem a Zeca Afonso e aos 30 anos do 25 de Abril). ■

Carlos Alberto Moniz

CARLOS ALBERTO MONIZ, artista, apresentador, maestro, músico e compositor, participou em espectáculos em Portugal e no estrangeiro com José Afonso, Adriano Correia de Oliveira e Carlos Paredes, com os quais gravou vários discos. Participou em espectáculos ao vivo como orquestrador ou instrumentista, em discos com José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Carlos Paredes, Manuel Freire, José Jorge Letria, José Barata Moura, Maria da Fé, José Mário Branco, Toni de Matos, Fernando Tordo, Paulo de Carvalho, Carlos do Carmo, Mário Viegas, José Carlos Ary dos Santos, Lenita Gentil, Brigada Vitor Jara, Chico Buarque de Holanda, entre outros.

Ao longo da sua carreira actuou em Portugal, Espanha, Itália, França, Países Baixos, Bélgica, Suíça, Reino Unido, Noruega, Suécia, Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental, antiga União Soviética, Bulgária, (antiga) Jugoslávia, Estados Unidos da América, Canadá, Brasil, Macau (na República Popular da China), Senegal, Angola, Timor-Leste.

Foi o autor da música de programas infantis e juvenis como *Fungagá da Bicharada*, *Zarabadim*, *Era uma Vez*, *Mimix*, *O Rato dos Livros*, *Vamos Cantar um Conto*.

Assinou a direcção musical dos programas *Com Pés e Cabeça*, *Sons do Sol* e *Arca de Noé*.

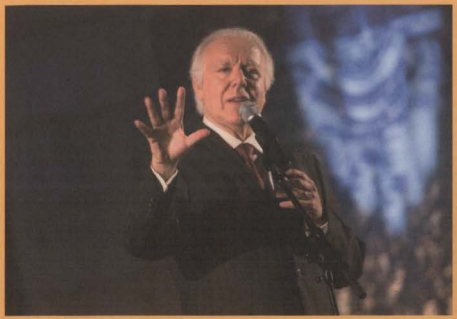
Actualmente, apresenta com a fadista Diamantina o programa *Portugal sem Fronteiras* transmitido aos sábados de manhã na RTP.

É detentor de prémios de vários concursos a nível da composição e orquestração, nomeadamente, "Prémio Marceneiro da Cidade de Lisboa" e "Prémio Lacticoop".

Escreveu de parceria com José Jorge Letria "Rua dos Navegantes" ao qual foi atribuído o prémio "Casa da Imprensa".

Recebeu em Junho de 2000 a Medalha cidadão de mérito da cidade de Angra do Heroísmo.

Em 10 de Junho de 2003 é agraciado com o grau de comendador da Ordem de Mérito por Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa Dr. Jorge Sampaio.. ■



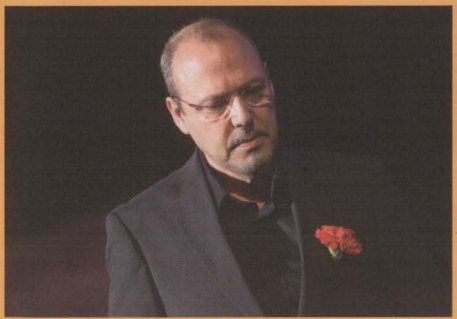
Carlos do Carmo

CARLOS DO CARMO nasceu em Lisboa. Filho de Lucília do Carmo, uma das maiores fadistas do século XX, e de Alfredo de Almeida, livreiro e posteriormente empresário na indústria hoteleira. Pode dizer-se que Carlos do Carmo foi criado no meio de uma atmosfera artística. A casa de seus pais, na parte velha da cidade, Bairro Alto, era um lugar de reuniões de intelectuais e de artistas, algumas das figuras proeminentes da Lisboa de então. Carlos do Carmo iniciou em 1963 uma das carreiras mais sólidas no panorama artístico português, para a qual contribuiu a sua coragem de assumir o Fado no masculino e também o facto de trazer para o Fado novos elementos: contrabaixo e formação com orquestra, entre outros e ainda novos talentosos compositores, bem como a poesia e a prosa de grandes poetas e escritores contemporâneos portugueses. Por tudo isto, são inúmeros os prémios e honrarias recebidos até hoje.

Os seus recitais para a televisão fazem parte do arquivo histórico do Fado, reconhecidos que são pela sua elevada qualidade e pelo sentimento inovador que cada um deles transmite. "Por Morrer uma Andorinha", "Duas Lágrimas de Orvalho", "Bairro Alto", "Gaivota", "Canoas do Tejo", "Os Putos", "Lisboa Menina e Moça", "Estrela da Tarde" são alguns dos grandes sucessos populares da sua carreira.

Com todo o empenho Carlos do Carmo esteve envolvido no filme "Fados", de Carlos Saura, do qual foi o consultor. Recebeu um prestigiado galardão do cinema espanhol, com a atribuição do Prémio Goya de "Melhor Canção Original" para o tema "Fado da Saudade". O tema é incluído na reedição de "À Noite", bem como "Fado Tropical".

Carlos do Carmo integra actualmente a equipa coordenadora da candidatura do Fado a Património Mundial e é consultor da série televisiva "A História do Fado". Tem dado um enorme incentivo aos jovens que o procuram para aprofundar a investigação dos seus estudos sobre este tema, estimulando-os a escrever sobre o fado. ■



Carlos Mendes

CARLOS MENDES foi fundador em 1963 do famoso conjunto Sheiks, grupo que abandona em 1967 para iniciar uma carreira a solo com uma versão de "Penina" que Paul McCartney tinha escrito para os Jotta Herre.

Em 1968, vence o Festival RTP da Canção com a canção "Verão" e participa no Festival da Eurovisão, realizado em Londres, no Royal Albert Hall.

Volta a vencer o Festival da Canção, em 1972, com "Festa da Vida" que se classifica em sétimo lugar em Edimburgo. No mesmo ano, participa nas gravações de vários discos: "A Fala do Homem Nascido" (com poemas de António Gedeão), "Alegre se Fez Triste", "1.ª Canção com Lágrimas e Regresso", entre outros.

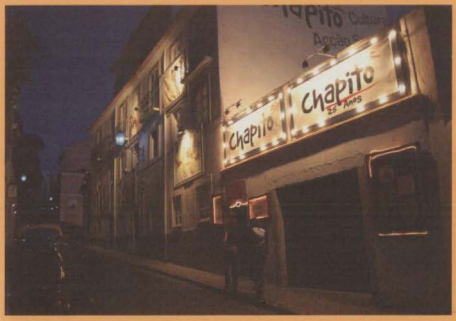
Em 1973 conclui o curso de arquitectura que tinha começado em 1969, iniciando a actividade de arquitecto que iria abandonar pouco depois, para se dedicar em exclusivo à música.

Em 1976, funda juntamente com outros autores, entre os quais Paulo de Carvalho e Fernando Tordo, a primeira editora discográfica independente, Toma Lá Disco e grava o disco "Amor Combate".

Dez anos depois, e após editar vários discos, em 1985, inicia aulas de piano e formação musical com a professora Fernanda Chichorro. Dá espectáculos na Suíça, Bélgica e Holanda. Participa também no XII Festival Internacional da Juventude, em Moscovo, com mais 150 Países.

Juntamente com Fernando Tordo, Paulo de Carvalho e o maestro Pedro Osório (maestro) cria, em 1989, o espectáculo "Só Nós Três" que se estreia no Casino do Estoril com êxito invulgar. Depois é apresentado nos Açores (por ocasião da Presidência Aberta), Macau e outros locais. O disco com base no espectáculo é um grande sucesso atingindo rapidamente o galardão de platina.

Cantor e actor português, Carlos Mendes integrou o elenco de *Morangos Com Açúcar - Série II e Férias de Verão II*, no papel de Coronel Luís Navarro, para a TVI. Cantou regularmente no programa da RTP1 *Portugal no Coração*. ■



Chapitô

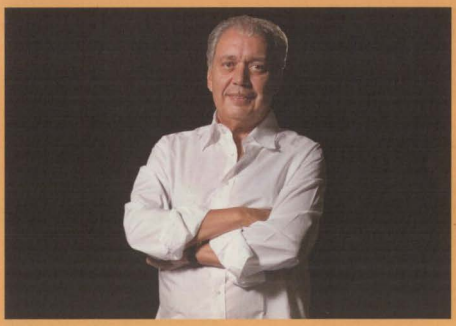
O CHAPITÔ é um projecto em que a formação, a criação, a animação e a intervenção promovem, dia a dia, cruzamentos múltiplos.

O Chapitô é um projecto com 25 anos, fruto de uma história complexa, que se inscreve no quadro dos movimentos artísticos envolvidos na mudança social: a animação, as "artes circenses", o espectáculo "popular" efémero e a intervenção sociocultural, foram algumas das acções desenvolvidas nos anos de 1970, por Teresa Ricou, um pouco por todo o país, ora integrando companhias de circo, ora actuando nos bairros e fazendo campanhas de sensibilização cultural, muito antes da formalização da Colectividade Cultural e Recreativa de Santa Catarina, entidade suporte do Chapitô.

A criação da Escola de Circo Mariano Franco, no Bairro Alto, assim denominada em homenagem ao grande Mestre de sapateado, e companheiro de cena, de Teresa Ricou deu origem à fundação do Chapitô, embrião do que é hoje a EPAOE (Escola de Artes e Ofícios do Espectáculo). A Escola de Circo Mariano Franco, resultou de um acordo com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que lhe cedia as instalações, no centro de dia de idosos, na rua São Boaventura ao Bairro alto, onde os animadores realizavam trabalho, também, com crianças.

A partir de 1991, o Chapitô cria a Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo (EPAOE) com dois cursos de nível equivalente ao 12.º ano. A escola, fundada há quinze anos é um dos sustentáculos do Projecto.

Ao longo dos tempos a "casa-Instituição", foi-se convertendo em "parceiro social" e integrando múltiplas "redes". Tem relações protocolares com uma variedade de entidades, oficiais e privadas, aos níveis local e nacional, bem como ao nível europeu e internacional. Estão formalmente adquiridos os vários estatutos oficiais, designadamente de «utilidade pública», de «manifesto interesse cultural», «IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social» e «ONG» (integrante da Plataforma Portuguesa). ■



Fernando Tordo

FERNANDO TORDO começou a cantar aos 16 anos, passou pelos Deltons e pelos Sheiks, em 1968, na sua parte final. onde substituiu Carlos Mendes.

Participou no Festival RTP da Canção de 1969 onde interpretou o tema "Cantiga". Nesse mesmo festival conheceu o poeta Ary dos Santos. É um dos vencedores do Prémio Casa da Imprensa como cançonetista e compositor ("pela riqueza harmónica, melódica e rítmica dos trabalhos gravados em disco").

Regressa ao Festival da Canção em 1970, com "Escrevo às Cidades", e em 1971 com "Cavalo à Solta", um dos clássicos da sua carreira e uma das suas primeiras composições com o poeta José Carlos Ary dos Santos, com quem manteve uma produtiva parceria durante os doze anos seguintes.

Regressa ao Festival RTP da Canção, em 1972, com "Dentro da Manhã" da autoria de Yvette Centeno e José Luís Tinoco.

Vence o Festival RTP da Canção de 1973 com "Tourada".

Vence o Prémio Casa da Imprensa de 1974 por "O Emprego"/"A Língua Portuguesa", com música e interpretação de Fernando Tordo, textos de José Carlos Ary dos Santos, orquestração de Pedro Osório e José Calvário: «O Melhor Disco Simples», pela popularidade e «as canções oriundas de um contexto especificamente português – o teatro de revista ("Uma No Cravo Outra Na Ditadura" do teatro ABC).

Em 1975 funda juntamente com outros autores, entre os quais Paulo de Carvalho e Carlos Mendes, a primeira editora discográfica independente, "Toma Lá Disco". O primeiro disco é o álbum "Feito Cá Para Nós".

Vence novamente o Festival RTP da Canção, em 1977, desta vez com "Portugal no Coração", na interpretação do grupo Os Amigos, com Paulo de Carvalho, Luísa Basto, Ana Bola, Edmundo Silva e Fernanda Piçarra. Editou nesse ano o álbum "Estamos Vivos".

Em 1977 ganha novamente o "Prémio Casa da Imprensa". ■

Guilherme Leite

GUILHERME LEITE fez grande sucesso na televisão com a participação nos *Apanhados*, quando a moda chegou a Portugal. Começou como palhaço sem nome, popularizou-se e conquistou a fama e a glória em *Cenas de um Casamento* que arrebatou grandes audiências na SIC.

Hoje faz uma parceria com Luís Aleluia no programa Praça da Alegria, da RTP, e tem a gaveta cheia de projectos, entre os quais a novela *Monte da Lua* que está à espera de espaço na RTP. É actor mas nunca fez teatro. Foi apanhado pela televisão. Guilherme Leite começou a fazer programas infantis na RTP, como palhaço. No início não tinha nome mas mais tarde a sua dupla de palhaços evoluiu para "Fraldinha e Sabonete". Pelo meio fazia *sketches* infantis. A notoriedade veio quando a RTP lhe aprovou a série infantil em três episódios *Brincar é Coisa Sèria*. Nessa altura acumulava com os "Apanhados" no programa *Já Está*, de Joaquim Letria, que ia para o ar no canal dois da RTP.

Guilherme Leite estreou-se como autor na SIC, com um programa de três minutos, que ia para o ar antes do telejornal. Era o *Senhor Dinheiro*. Foi esta experiência que permitiu descolar dos "apanhados". Saiu-se bem e foi convidado para o projecto que lhe abriu as portas do êxito: "Emídio Rangel convidou-me para apresentar o programa *Cenas de um Casamento*, adaptação de um formato italiano. Foi um sucesso do caraças e eu adorei fazer aquilo."

Guilherme Leite tem vários trabalhos prontos a servir: "Com o Luís Aleluia estou a escrever uma novela, *Monte da Lua*, que se desenrola em Sintra e a personagem principal é um rapaz que se perdeu na serra e nunca mais apareceu. Anos mais tarde surgiu como imigrante russo. Também estamos a escrever a novela *Seara de Mar*. A acção desenrola-se no Alentejo e a personagem principal é um médico que sonha ter um barco". ■

Helena Vieira

HELENA VIEIRA nasceu em Lisboa, onde efectuou estudos de canto no conservatório. Foi cantora residente do Teatro Nacional de S. Carlos desde 1984 até à extinção da companhia em 1992, tendo aí desempenhado vários papéis principais, entre os quais se destacam Giulietta dos "Contos de Hoffmann" de Offenbach. Tem participado também em concertos e recitais no estrangeiro, bem como no país, no âmbito de vários Festivais internacionais de música, com a Fundação Gulbenkian e a Radiotelevisão Portuguesa.

Em 1986 foi distinguida com o prémio Mozart no concurso de Ópera e Belcanto de Bruxelas, como representante da RTP. Em 1991 cantou em Madrid, o papel que já desempenhara em Lisboa na ópera "Otello", ombreando com Plácido Domingo.

Actualmente faz parte do elenco do musical de Filipe la Féria "Musica no Coração". ■

Isabel Cid

ISABEL CID estudou nos liceus Maria Amália Vaz de Carvalho, Lisboa e Liceu Nacional D. Guiomar de Lencastre, Luanda. Curso Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva. Formação vária na área de desenho assistido por computador e sistemas de informação geográfica.

Adquiriu na sua juventude competências na área do piano e canto através de lições particulares com as professoras Ilda Leandro e a professora de música do Colégio Moderno

Acompanhamento ao piano de actividades desportivas e ballet: Sporting Club de Portugal, Sport Algés e Dafundo, Voz do Operário, Colégio do Sagrado Coração de Maria (ballet), Ballet Anna Mascollo com Carlota Pereira Pinto.

Na área do canto tem exercido de forma contínua, mas semi-profissional em diversas actividades nomeadamente em colaboração com colectividades, festas particulares, animação em hotéis, e em projectos de maior dimensão como o "Kanto-Kente" com Eleutério Sanches.

Esteve em Angola em 1962/1963 acompanhando o seu pai que em 1961 fora mobilizado como 2.º comandante de batalhão.

Esteve em Cabinda em 1966/1967 acompanhando o seu pai que fora mobilizado como comandante de batalhão;

Esteve em Bissau em 1971/1973 acompanhando o seu marido, oficial da Armada, que fora mobilizado como imediato de uma lancha de fiscalização

Trabalho liberal como decoradora

Exerce actualmente funções técnicas na área do desenho assistido por computador e sistemas de informação geográfica na Câmara Municipal da Amadora. ■

João Pedro Pais

JOÃO PEDRO PAIS nasceu e viveu sempre em Lisboa. Na pré-primária já se lhe conhecia o jeito pela música, uma vez que os seus tios avós maternos eram quase todos músicos de guitarra portuguesa, viola, piano e violino. Também o desporto foi uma área a que se dedicou com afinco, durante a juventude, tendo-se sagrado campeão por diversas vezes no estilo greco-romano. Não sendo a alta competição compatível com a vida de músico, João Pedro fez a sua última participação desportiva em 1995 no Rio de Janeiro, onde consegue o primeiro lugar.

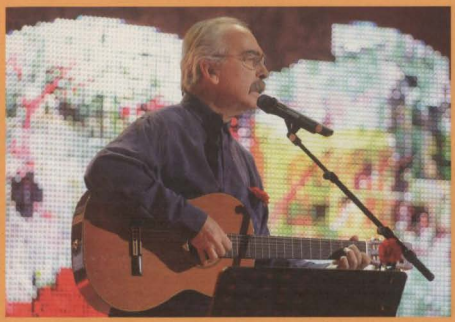
Participou no programa *Chuva de Estrelas*, tendo chegado à etapa final. Continua a levar a sua música a bares, até que lhe aparece a oportunidade de gravar o primeiro disco.

Em 1997 lança finalmente o primeiro álbum de originais, "Segredos" que se revela um campeão de vendas. Os temas "Ninguém (é de ninguém)" e "Louco (por ti)" tornam-se os mais emblemáticos da sua carreira.

"Falar Por Sinais" consolida o trabalho do artista que o país acompanha desde o início. O vídeo do tema "Um Resto de Tudo" é gravado em Barcelona e, mais tarde, "Não Há" é escolhido para banda sonora de uma telenovela portuguesa. Novamente as vendas elevam o disco a platina.

Em Fevereiro de 2003 é convidado a fazer a primeira parte da digressão ibérica com Bryan Adams, começando por Espanha (Barcelona, Alicante e Madrid) e depois Lisboa, Porto e Guimarães. Os espectáculos, absolutamente esgotados, levam ao rubro milhares de fãs, tornando-se uma das participações mais gloriosas do seu percurso enquanto compositor e intérprete.

Em Novembro de 2008 chega ao mercado o novo trabalho de originais. "A Palma e a Mão", o tão esperado sucessor de "Tudo Bem", presenteia-nos com onze temas originais do artista, com participações especiais de artistas conceituados, como é o caso de Pedro Abrunhosa (que compôs a letra da canção com nome que dá título ao disco), Jorge Palma (no tema a si dedicado – "Meu Caro Jorge") e Zé Pedro, dos Xutos & Pontapés (na canção "Palco de Feras", também em jeito de homenagem ao grupo). ■



José Mário Branco

JOSÉ MÁRIO BRANCO (n. Porto, 25 de Maio de 1942) é um músico e compositor – cantautor - português.

Filho de professores primários, cresceu no Porto e frequentou o curso de História, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que não concluiu. Expoente da música de intervenção portuguesa, iniciou a sua carreira durante o Estado Novo, tendo sido perseguido e exilado em França, entre 1963 e 1974. Com ele trabalharam José Afonso, Sérgio Godinho, Luís Represas, Fausto e Camané, entre outros, com os quais participou em concertos ou em álbuns editados como cantautor e/ou como responsável pelos arranjos musicais. Igualmente compôs e cantou para o teatro, o cinema e a televisão. Em 1974 fundou o GAC – Grupo de Acção Cultural com o qual gravou dois álbuns.

Entre música de intervenção, fado e outras, são obras suas famosas os discos "Ser Solidário", "Margem de Certa Maneira", "A noite" e o emblemático "FMI", obra síntese do movimento revolucionário português com seus sonhos e desencantos. Esta última foi pelo próprio proibida de passar em qualquer rádio, TV ou outro tipo de exibição pública. Não obstante este facto, "FMI" será, provavelmente, a sua obra mais conhecida. O seu álbum mais recente, lançado em 2004, intitula-se "Resistir é Vencer" em homenagem ao povo timorense que resistiu durante décadas à ocupação pelas forças da Indonésia logo após o 25 de Abril. O ideário socialista está expresso em muitas das suas letras.

Em 2006, com 64 anos, José Mário Branco iniciou uma licenciatura em Linguística, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Terminou o 1.º ano com média de 19,1 valores, sendo considerado o melhor aluno do seu curso. Os prémios que lhe foram atribuídos, rejeitou, dizendo que é «algo normal numa carreira académica». ■

Lena d'Água

LENA D'ÁGUA começou a cantar apenas para amigos em festas particulares. Com 18 anos participa na peça de teatro "Viagem à Iris" em que entravam também os músicos Armando Gama e Ramiro Martins (seu futuro marido).

Em 1976, entra para os Beatnicks. O grupo grava um single com os temas "Somos o Mar" e "Jardim Terra". Sai do grupo em 1978. Ainda nesse ano participa na gravação do disco "Ascenção e Queda" dos Petrus Castrus.

Em finais de 1978 participa na peça infantil "Ou Isto Ou Aquilo".

Zé da Ponte e Luís Pedro Fonseca fundam uma empresa especializada em trabalhos de publicidade e produção de discos. Os dois primeiros produtos da empresa foram o álbum "Qual É a Coisa Qual é Ela" (com doze adivinhas de Maria João Duarte) e um *single* com "Poemas de Duas Mulheres" ("O Novo Livro", soneto de Florbela Espanca e "A Cantiga de Bábá" com um poema de Cecília Meirelles). Lena d'Água também grava para a Discoteca Dois Mil.

Em 1980 participa no Festival da Canção com um "Olá, Cega-rega" da autoria de Paulo de Carvalho.

Discografia: "Perto de Ti" (1982); "Lusitânia" (1984); "80/84" (Compilação, 1986); "Terra Prometida" (1986); "Aguaceiro" (1987); "Tu Aqui" (1989); "Ou Isto Ou Aquilo" (1992); "As Canções do Século" [Com Rita Guerra e Helena Vieira] (1994); "O Melhor de Lena D'Água – Sempre Que O Amor Me Quiser" (Compilação, 1996); "Sempre" (2CD, 2007).

Singles: "O Nosso Livro/A Cantiga da Bábá" (1979); "Vigaro Cá, Vigaro Lá/Labirinto" (1981); "Perto de Ti/Da Noite" (1982); "Demagogia/No Fundo dos Teus Olhos de Água" (1982); "Jardim Zoológico/Papalagui" (1983); "Sempre Que o Amor Me Quiser"/Lusitânia (1984); "Dou-te Um Doce/Terra Prometida" (1986); "Tudo Bem" (*maxi single*, 1986); "Estou Contigo/Valsa Nova" (1986); "Estou Além/Bela Adormecida" (1987); "Tu Aqui/Tu Aqui (Instrumental)" (1989); "Para Ti/Já Não Sou Quem Era" (1989); "Mar Portugal/Mar Portugal (Instrumental)" (promo, RTP, 2000) ■

Luísa Amaro

LUÍSA AMARO estudou guitarra clássica no Conservatório Nacional de Lisboa com o professor Lopes e Silva e prosseguiu em 1983, em Barcelona, com a guitarrista argentina Maria Luísa Anido.

Um ano depois, começa a tocar com mestre Carlos Paredes (1925-2004) que acompanha em guitarra clássica em centenas de concertos por todo o mundo, interrompendo essa actividade em Dezembro de 1993. Paralelamente, em 1989, frequentou em Castres, França, o Curso Internacional de Guitarra com o guitarrista argentino Roberto Aussel. Desde 1996 que se dedica à guitarra portuguesa e ao seu estudo como autodidacta. Intérprete e compositora, Luísa Amaro desafia a guitarra portuguesa, habituada a acompanhar fado e maioritariamente interpretada por homens, a uma nova sonoridade e um novo reportório.

Dos muitos concertos realizados por todo o país, destacam-se: colaboração com a orquestra Académica do Porto sob direcção do maestro António Saiote (2001), música para bailado de Ana Rita Barata e Pedro Sena Nunes (2001-2002), uma actuação no Jubileu de Sua Excelência o Cardeal Patriarca de Lisboa em Junho de 2003, concerto no Círculo Eça de Queiroz em 2005 para além de dezenas de espectáculos com a apresentação do trabalho "Canção para Carlos Paredes". ■

Luísa Basto

LUÍSA BASTO iniciou a sua carreira musical em Moscovo onde, em 1973, concluiu um curso superior de Canto no Instituto Musical Pedagógico do Estado. Ainda em Moscovo gravou o "Avante!".

Regressada a Portugal em Maio de 1974, no "Primeiro Maio das Nossas Vidas", como cantou, participou em diversos espectáculos pelo país e visitou países como Cuba, França, Luxemburgo, Bélgica, Suíça, Suécia, Holanda, Inglaterra, Canadá, Angola. Participou também em duas peças musicais de Ary dos Santos e representou Portugal no Festival da Eurovisão em 1977, com o grupo Os Amigos.

Tem vários discos gravados (o primeiro ainda em Moscovo, acompanhada pela Orquestra da Rádio e Televisão Soviética), com poemas de Eugénio de Andrade, José Gomes Ferreira, Manuel da Fonseca, Florbela Espanca, João Fernando, entre outros.

Gravou composições de Paco Bandeira, Fernando Tordo, Paulo de Carvalho, Carlos Mendes, João Fernando, Samuel, entre outros.

O seu último trabalho discográfico, com o nome "Alentejo", foi editado já em 2006 pela Câmara Municipal de Serpa e inclui dez temas sobre o Alentejo, suas raízes e realidades.

A par da actividade artística, leccionou música nas escolas do concelho da Moita, num projecto da responsabilidade da autarquia. Pertence aos corpos gerentes da Associação Cultural Manuel da Fonseca onde faz parte do Grupo de Teatro e dirige o Coro da ACMF.

A convite de Filipe La Féria participou no musical "Amália", onde interpretava a figura principal.

Em 1994 foi agraciada pela Câmara Municipal de Almada com a Medalha de Ouro de Mérito Cultural. ■

Mafalda Veiga

MAFALDA VEIGA viveu no Alentejo até 1974, ano em que se muda para Espanha, onde escreve sua primeira canção, "Velho", em 1983. No ano seguinte retorna a Portugal e entra para a Faculdade de Letras em Lisboa, para o curso de Línguas e Literaturas Modernas, ao mesmo tempo que alcança o triunfo no Festival da Canção da Cidade de Silves com a canção "Velho".

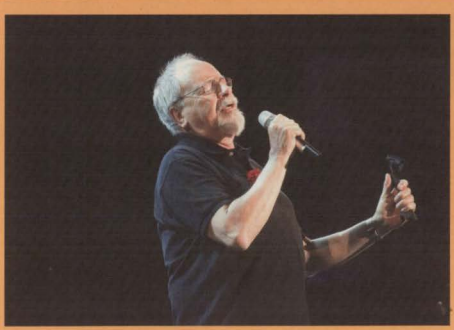
Em 1987 dá início a sua carreira discográfica com o álbum "Pássaros do Sul", produzido por Manuel Faria (membro do grupo Trovante), que incluiu *singles* como "Planície" e "Restolho". Um ano depois, Mafalda reapareceu com o álbum "Cantar", contando com a mesma produção.

Nos quatro anos seguintes, Mafalda Veiga cantou um pouco por todo o país, tendo sido convidada em 1991 para participar nos derradeiros espectáculos dos Trovante, em Sagres e nos Coliseus de Lisboa e Porto.

Em 1992 regressou aos estúdios para gravar "Nada se Repete", novamente produzido por Manuel Faria e co-produzido por Amândio Bastos, contando com a participação especial de Luís Represas que, para além da autoria de uma letra, gravou em dueto o tema "Fragilidade". Mafalda Veiga apresentou este disco em dois espectáculos no Teatro São Luiz, em Lisboa.

Em 1993 e 1994, além de realizar concertos por todo o país, esteve também por duas vezes em Cabo Verde e em Macau no Teatro D. Pedro V.

Discografia
1987 – "Pássaros do Sul"
1990 – "Cantar"
1992 – "Nada se Repete"
1996 – "A Cor da Fogueira"
1999 – "Tatuagem"
2000 – "Ao Vivo"
2003 – "Na Alma e na Pele"
2004 – "Coliseu, 5 de Outubro de 2003" (DVD)
2006 – "Lado a lado", com João Pedro Pais
2008 – "Chão" ■



Manuel Freire

MANUEL FREIRE entra no Teatro Experimental do Porto, em 1967, aceitando um convite de Fernando Gusmão. Entretanto estreava-se na música, com um EP que continha *Dedicatória*, *Eles*, *Livre* e *Pedro Soldado*, em 1968. A sua obra não escapa à Censura da época, vindo a ser proibidos os temas *Lutaremos meu amor*, *Trova*, *O sangue não dá flor* e *Trova do emigrante*. Aparece na televisão, em *Zincais*, em 1969, para interpretar *Pedra Filosofal*, poema de António Gedeão, o que lhe vale o Prémio da Imprensa desse ano. No álbum *Manuel Freire* musica poemas de António Gedeão, José Gomes Ferreira, Fernando Assis Pacheco, Eduardo Olímpio, Sidónio Muralha e José Saramago. É distinguido com o Prémio Pozal Domingues. O EP *Dulcineia* é lançado em 1971. Em 1972 colabora na banda sonora da longa-metragem de Alfredo Tropa, *Pedro Só*. Edita, em 1973, o LP *De Viva Voz*, gravado ao vivo com José Afonso e José Jorge Letria. Recebe a colaboração de Luís Cília em *Devolta* (1978). Em 1986 o disco lançado pela CGTP-IN, *100 Anos de Maio*, inclui a sua música *Cais das Tormentas*. Em 1995 actuou na Festa do Avante numa homenagem a Adriano Correia de Oliveira onde foi acompanhado pela Brigada Victor Jara. *Lágrima de Preta* é incluído na compilação *Sons de Todas as Cores*, de 1997. Colaborou ainda no disco *Florestas Em Movimento*, com Carlos Alberto Moniz, patrocinado pela Direcção Geral das Florestas, e em *Pelo sonho é que fomos*. Em 1999 lança o disco *As Canções Possíveis* onde canta a poesia de José Saramago, de *Os Poemas Possíveis*, edição da Caminho. Em 2006 colaborou com José Jorge Letria e Vitorino num CD para crianças acerca da Revolução dos Cravos, intitulado *Abril, Abrilzinho*.

Em 2003 torna-se presidente da direcção e administrador-delegado da Sociedade Portuguesa de. Abandona a administração em Setembro de 2007, devido a problemas de saúde, mas mantém-se como presidente. ■

Maria de Jesus Barroso

MARIA DE JESUS BARROSO nasceu em 1925. Cursou Arte Dramática, na Escola de Teatro do Conservatório Nacional. Para de seguida se ter licenciado em Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Mulher de cultura, fez do teatro a sua primeira casa, mas marcou também presença no cinema, sob a direcção de Paulo Rocha e Manuel de Oliveira.

A sensibilidade Maria Barroso à opressão social e cultural desses anos 1940 e 1950 levou-a, já casada com Mário Soares, desde 1949, a manter activa uma profunda intervenção política e cívica. Se no plano pessoal será simples valorizar as dificuldades associadas ao exílio e perseguição de que foi alvo o seu marido, é redutor esquecer que Maria Barroso participou na fundação do Partido Socialista, e foi deputada pela Oposição Democrática, na Assembleia Nacional eleita em 1969. Foi a única mulher interveniente na sessão de abertura do Congresso da Oposição Democrática em 1973. E com a revolução manteve a sua actividade parlamentar, tendo sido eleito deputada pelo PS pelos círculos do Porto, Santarém e Algarve, até 1982.

Na memória de todos está a coragem também de uma mulher que protagonizou ao lado de Mário Soares a mais improvável das campanhas presidenciais em meados dos anos 1980, entre uma esquerda fraccionada entre Lurdes Pintassilgo, Salgado Zenha e Mário Soares, e uma direita unificada em torno de Freitas do Amaral. Porventura nas mais disputadas eleições Presidenciais em Portugal, Mário Soares vencer o candidato da Direita. Os anti-corpos revolucionários que o seu nome despertava em alguns sectores da esquerda, conduziram a uma corajosa atitude de apelo ao voto de Álvaro Cunhal no que foi o maior dos seus adversários políticos do pós salazarismo. A percepção que Cunhal teve do risco para uma jovem democracia de um révanche de algumas das forças depostas em Abril, levaram-no a colocar o interesse nacional acima de questões partidárias e pessoais.

Em 1997, assume a Presidência da Cruz Vermelha Portuguesa. ■

Maria de Medeiros

MARIA DE MEDEIROS Esteves Victorino d'Almeida (Lisboa, 19 de Agosto 1965) é uma actriz e cineasta portuguesa. Considerada a melhor actriz portuguesa de cinema da sua geração, foi ainda recentemente nomeada Artista da UNESCO para a Paz. Depois da juventude em Lisboa, onde estudou no Lycée Français Charles Lepierre, instala-se em Paris. Licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Sorbonne-Paris IV, frequentando a École Nationale Superieure des Arts et Techniques du Théatre e o Conservatoire National d'Art de Paris, onde se formou como actriz. É com Brigitte Jacques – que a dirigiu em espectáculos como "A Morte de Pompeu", de Pierre Corneille ou "Elvire Jouvet 40", de Louis Jouvet – que inicia definitivamente a sua carreira de actriz, primeiramente no teatro, depois no cinema, categoria na qual é reconhecida como a mais internacional das actrizes portuguesas.

Iniciou a sua filmografia com a longa-metragem "Silvestre" (filme) de João César Monteiro (1982), tendo consolidado a sua actividade com duas películas americanas: "Henry e June" (1990), de Philip Kaufman, onde contracena com Fred Ward e Uma Thurman e "Pulp Fiction", de Quentin Tarantino (1994), onde actua ao lado de Bruce Willis, John Travolta e Samuel L. Jackson. Salienta-se ainda as suas interpretações em "A Divina Comédia", de Manoel de Oliveira (1991); "Huevos de Oro", de Bigas Lunas (1993); "Três Irmãos, de Teresa Villaverde" (1994), que lhe valeu os Prémios de Melhor Actriz no Festival de Veneza e Festival de Cancun; "Adão e Eva", de Joaquim Leitão (1995) que lhe trouxe um Globo de Ouro na categoria de Melhor Actriz; "O Xangô de Baker Street", de Miguel Faria Jr.. Terá feito no total cerca de oitenta filmes, contando com curtas-metragens.

No ano de 2000 realiza "Capitães de Abril", sobre o 25 de Abril de 1974 em Portugal. ■

Maria do Amparo

MARIA DO AMPARO nasceu em Angra do Heroísmo (Terceira/Açores), a 23 de Março de 1951.

Em 1972, vem para Lisboa para estudar no Conservatório Nacional de Música e no Centro de Estudos Gregorianos de Lisboa. De 1972 a 1984, mantém um duo com Carlos Alberto Moniz e faz parte do "Grupo Outubro". A partir de 1978 e até á presente data, colabora regularmente com a RTP, adaptando canções de séries de animação e dirigindo os actores/cantores intervenientes nas mesmas.

A partir de 1998, torna-se directora musical e artística do grupo infantil/juvenil "Oficina do Canto", uma organização cultural da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.

Durante três anos, integrou o "Coral de S. Domingos", também sito nesta cidade alentejana.

Dirige um grupo de cantos populares, numa freguesia de Avis, "Grupo de cantares de Ervedal".

Em 2002, frequentou um curso de técnica vocal, dirigido pela professora doutora Maria João Serrão. ■

Maria Viana

MARIA VIANA foi convidada do programa de televisão Clube de Jazz, na RTP 2, em 1984. Daí para cá, desenvolveu intensa actividade artística de que, nomeadamente, se destaca: 2006 – Maio Trio Maria Viana – Maio Jazz (Almodovar); Setembro "Olhos nos Olhos" – Ciclos de Musica do Casino Figueira da Foz; Seminário Tavira em Jazz (organizado pela Associação Grémio das Músicas); Novembro – Edição de 2000 CD "Terra Prometida" para Atena Telecomunicações SA; "Rua da Paz " com Trio da Corda – Teatro da Malaposta.

2005 – Fevereiro – Teatro S. Luiz – Lançamento do livro "1001 razões para gostar de Portugal" de José Carlos Abrantes; Maio – "Tributo a Alan Thomas" - C.C.B.- Concerto e "Jam session" com a participação (entre outros) dos "DixieGang" e "Tubarones"; Julho – Teatro Sá da Bandeira com Orquestra de Jorge Costa Pinto; Festas de Loures – Castelo de Pires Couxe – com Quarteto Alan Thomas; Outubro – Gala do Jazz – Casino Estoril – com Orquestra de Jorge Costa Pinto; Dezembro – Edição de 2000 CD "Terra Prometida". 2004 – Junho – 16.04 "Festival de Jazz de Olhão" com Zé Eduardo e João Monné; Teatro Aberto com "Big Band" de Jorge Costa Pinto; Concerto para o Grupo Desportivo da CM de Cascais com Quarteto de Alan Thomas; Julho – "5.º Funchal Jazz" Homenagem a Max com a Orquestra de Jorge Costa Pinto; "1.º Santa Maria Jazz Blues" (Açores) em Quinteto. 2003 – Janeiro – Maria Viana com Quarteto de Alan Thomas "Cestas de Cultura" – Santo. André; Fevereiro – "Terra Prometida" ciclo de música acústica Centro Cultural de Cascais; Maio – Maria Viana com Quarteto de Alan Thomas – Festival de Jazz de Trofa; 3.º Blues Por Cascais com Quarteto de Alan Thomas; Junho - Recital para canto e piano na exposição de homenagem a seu pai, José Viana, no fórum Mário Viegas (Centro Cultural Regional de Santarém); "Jam" I com o contrabaixista José Eduardo no "Ovelha Negra" em Faro, como teste para posterior apresentação no Festival de Jazz do Porto. ■

Maria Anadon

MARIA ANADON tem um percurso exemplar no que respeita à sua qualidade musical e talento inconfundíveis. A sua voz já viajou por continentes e já cativou um público vasto, não só com o seu projecto "Five Play", quinteto reconhecido internacionalmente com críticas extraordinárias, mas também individualmente. Num estilo muito próprio, Maria Anadon será acompanhada por Victor Zamora, ao piano, Marcelo Araújo na bateria, e Léo Espinoza, no baixo. ■

Maria João

MARIA JOÃO começou a sua carreira na Escola de Jazz do Hot Club de Lisboa, em 1982. Um ano mais tarde formou o Quinteto de Maria João, do qual faziam também parte Mário Laginha, Carlos Martins, António Ferro e Carlos Vieira. Esta formação deu origem a dois discos: "Quinteto de Maria João" (1983) e "Cem Caminhos" (1985 – neste último António Ferro deu lugar a David Gausden). Nesta altura era já considerada pela crítica da especialidade como uma verdadeira revelação no universo do jazz, tendo sido galardoada com diversos prémios, dos quais se destaca o atribuído no Festival de Jazz de San Sebastian (Espanha).

1986 marcou a primeira viragem na carreira da cantora, que rumou à Alemanha em busca de novos desafios. O seu terceiro disco – Conversa – saiu nesse ano, em resultado de um novo quinteto, do qual fazia parte o contrabaixista Carlos Bica. Contudo, num dos concertos de uma tournée na Alemanha, Maria João teve uma espectadora especial: a pianista japonesa de *free-jazz* Aki Takase, que a convidou para um projecto em duo. De 1987 a 1990 a cantora e a pianista surpreenderam os públicos dos festivais de jazz europeus, rendidos à liberdade e irreverência da música que apresentavam, bem registados em dois álbuns gravados ao vivo: "Looking for Love" (1987) e "Alice" (1990).

Em 1991, Maria João envolveu-se num novo projecto com grupo português Cal Viva, que marcou também o seu reencontro com Mário Laginha. O disco "Sol", uma fusão da música tradicional portuguesa com os sons do jazz, rodou em tournées intensas por todo o país e pelo estrangeiro. À parte do trabalho regular com Mario Laginha, Maria João tem trabalhado com destacados nomes da música nacional (António Pinho Vargas, Carlos Bica, José Peixoto, Blasted Mechanism, Clã, entre outros) e mundial (Laureen Newton, Bob Stenson, Christof Lauer, Gilberto Gil, Joe Zawinul, Saxofour, Hermeto Pascoal, Lenine, etc), para além de ter integrado espectáculos de fusão artística como Raízes Rurais, Paixões Urbanas ou a coreografia Ao Vivo, pela Companhia de Paulo Ribeiro. ■

Odete Santos

ODETE SANTOS nasceu em Pega, uma pequena aldeia da Beira Alta, perto da Guarda, no dia 26 de Abril de 1941. Setúbal surgiu como opção dos pais, professores primários, que optaram por leccionar numa cidade com liceu, de modo a não se separarem da única filha. "Vim para esta cidade com dez anos e gosto imenso dela, mas continuo a gostar muito da minha aldeia".

A escolha para os estudos recaiu na advocacia: "Estava numa turma muito rebelde andava sempre em discussões nas aulas, onde fazia grandes discursos e debates. Por esse motivo devo ter-me convencido que o Direito era interessante. Mas fiquei desiludida, era só decorar termos, uma coisa horrorosa, não foi o curso que esperava. Apesar de que a actividade em si tivesse sido interessante, e comecei a advogar em 1968", mas confessa: "Se fosse hoje já não o teria feito. Foi uma coisa de adolescente, ainda não estava muito madura, e tive que optar com apenas 15 anos."

É portanto licenciada em Direito pela Universidade de Lisboa.

Foi deputada na II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX e X legislaturas pelo Partido Comunista Português (PCP), pelo qual foi eleita presidente da Assembleia Municipal de Setúbal em 2001 e em 2005. Fez a sua última intervenção no Parlamento no dia 13 de Abril de 2007.

É ainda membro do Comité Central do Partido Comunista Português, da Direcção de Organização Regional de Setúbal do PCP e do Movimento Democrático de Mulheres (MDM).

Foi agraciada pelo Presidente da República com a Medalha de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

A par da vida política, já trabalhou no teatro, tendo representado variados autores. Nesta área escolhe como seus preferidos Brecht, Gil Vicente, Shakespeare, Molière, Artur Miller "e os autores da chamada geração dos 'hungry young man', a geração da minha juventude". Na literatura prefere autores mais modernos com destaque para os portugueses Saramago e uma paixão especial por Eça de Queiroz. ■

Rita Guerra

RITA GUERRA (Lisboa, 22 de Outubro de 1967) é uma cantora portuguesa.

Foi nos Açores, onde esteve a viver durante quatro anos, que começou a cantar e a tocar piano ao mesmo tempo. Desenvolveu um gosto especial por cantores como Elton John ou Kim Carnes.

Em 1989 foi convidada para interpretar quatro temas na festa do 1.º aniversário da Rádio GEST. Seguiu-se o convite para passar a actuar diariamente no Casino do Estoril, palco que pisou pela primeira vez num espectáculo de Adamo.

"Pormenores Sem a Mínima Importância", o seu álbum de estreia, numa edição da Polygram, contou com a participação de Rui Veloso e de elementos dos Táxi.

Colabora entretanto no álbum de estreia dos LX90.

Em 1992 participa no Festival RTP da Canção com "Meu Amor Inventado Em Mim" que fica em segundo lugar.

É um dos nomes convidados do disco "Camões, as descobertas...e nós" de José Cid e Amigos.

Em 1993, a RTP pediu a Pedro Osório que concebesse um espectáculo diferente para o Festival da Canção. A ideia de Pedro Osório passava por juntar três vozes que fossem diferentes por isso convidou as cantoras Lena d'Água, Helena Vieira e Rita Guerra para interpretarem clássicos das décadas anteriores.

O espectáculo "As Canções do Século" é apresentado no Casino do Estoril e em todo o país. Foi lançado em disco no ano de 1994. Nesse ano colabora ainda no espectáculo "007 – Ordem Para Jogar" do Casino do Estoril.

Discografia: 1990 – "Pormenores Sem A Mínima Importância"; 1995 – "Independence Days"; 2005 – "Rita"; 2007 – "Sentimento"; 2010 – "Luar"; 2008 – "O Melhor de Rita Guerra – Acústico ao Vivo"

Singles: 2003 - "Deixa-me sonhar (Só mais uma vez)" Festival Eurovisão da Canção; 2005 - "Chegar a ti"; 2005 - "À espera do Sol / Secretamente"; 2007 - "Sentimento"; 2007 – "Castelos no ar". ■

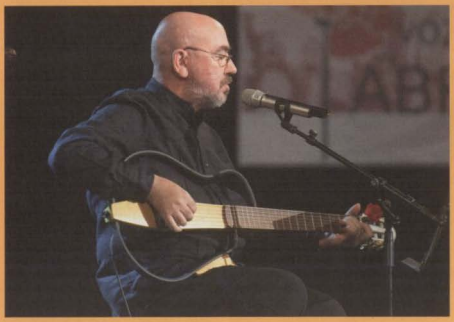
Ruy de Matos

RUY DE MATOS tem o Curso de actor e encenador do Conservatório Nacional de Teatro.

Integrou, entre outras, as seguintes companhias de teatro: Companhia Amélia Rey-Colaço/Robles Monteiro (TNDMH), Companhia do Teatro D'Arte de Lisboa, Companhia Raul Solnado (Teatro Villaret), TEC-Teatro experimental de Cascais, Grupo de teatro a Máscara (CML), Teatro da Estufa Fria (dirigida por Augusto de Figueiredo) e actor residente do Teatro Nacional D. Maria II.

Foi encenador nos seguintes Grupos de Teatro: Grupo de Teatro da Marinha Mercante, Grupo de Teatro da Companhia Nacional de Navegação, Grupo de Teatro Plessey, Grupo de Teatro da Manutenção Militar, Cénico de Medicina, Grupo de Teatro da Metalúrgica Duarte Ferreira, Grupo de Teatro dos Bombeiros de Cascais, A Teia - Setúbal, Grupo de Teatro da Sociedade Central de Cervejas, Fonte Nova - Setúbal, Alpendre (Ilha Terceira), Pedra Mó (Ilha Terceira), Teatro Infantil de Lisboa, Teatro Livre, TEF-Teatro Experimental Flaviense, Grémio Artístico Torreense.

Teve larga actividade como cenógrafo e figurinista, foi autor de peças de teatro e desenvolveu funções de docente em variadíssimos cursos de teatro. ■



Samuel

SAMUEL (Samuel Quedas) cantautor desde 1972, quando começou a cantar profissionalmente, pela mão de José Afonso. De lá até hoje, fez uma carreira manifestamente marginal em relação às grandes editoras e meios de produção.

Mesmo assim, ao longo destes anos, tem a música como actividade exclusiva, fazendo vários discos individuais e colectivos, participando em vários festivais, como autor e intérprete, cantando em vários países, mantendo uma actividade regular de recitais, em Portugal, compondo música para teatro e para outros artistas, produzindo musicalmente gravações de discos, musicais infanto-juvenis, etc. ■

Simone de Oliveira

COM UMA INFÂNCIA e uma adolescência felicíssimas, Simone de Macedo e Oliveira afirma ter tido os melhores pais do mundo.

Aos 19 anos casa-se porque achava que era isso que queria. Enganou-se e passados apenas dois meses, estava de volta a casa dos pais. Entrou em depressão e o médico deu-lhe como cura terapia ocupacional. Foi-se inscrever no Centro de Preparação de Artistas da Emissora Nacional. Depois de a ouvir cantar, Mota Pereira perguntou-lhe "Mas onde é que você estava?". Finalmente, Simone tinha descoberto o seu caminho.

Depois, venceu o I Festival da Canção Portuguesa em 1958 quando este ainda era apenas passado na rádio. Tinha nascido uma nova estrela do nacional-cançonetismo, estrela essa que deixava adivinhar em cada nota da sua voz, a força com que cantava.

Fez teatro. Estreou-se em 1962 no Avenida. E depois, o Parque Mayer. Noitadas com os colegas a ensaiar aquela cantiga ou a decorar aquele texto.

Mais tarde os Festivais da Canção transmitidos pela RTP.

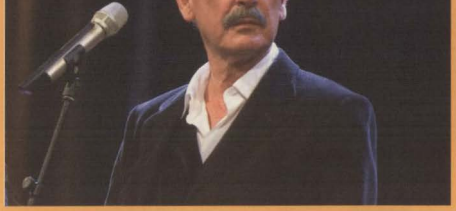
Em 1965, cantou o "Sol de Inverno", dos autores Nóbrega e Sousa e Jerónimo Bragança, que a levou a Nápoles.

Já os seus filhos tinham nascido, a Maria Eduarda e o António Pedro, e Simone continuava a fazer o que queria e a dizer o que lhe apetecia.

1969 é o ano da "Desfolhada". Canção que lhe foi parar às mãos por uma desistência de uma colega, Elisa Lisboa. Entrou em palco, mal vestida, mal penteada e com o poema mal decorado. Olhou e viu quem não queria ver no meio do público. "Felizmente que aquilo me deu para canalizar a raiva para a canção." Ninguém ficou indiferente à raiva com que o "Quem faz um filho/Fá-lo por gosto" foi cantado, poema de Ary dos Santos e música de Nuno Nazareth Fernandes.

Poucos meses depois, perde a voz.

Volta a brilhar em 73 numa carreira de grande fulgor, cujos 50 anos celebrou em 2007. ■



Vitorino

VITORINO, presente em alguns momentos-chave da Música Popular Portuguesa (por exemplo o célebre concerto de Março de 1974, no Coliseu), foi companheiro de palco e canções de José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Fausto, Sérgio Godinho e outros nomes fundamentais da música portuguesa dos últimos trinta anos, estreando-se em 1975 com o seu primeiro disco assinado com nome próprio, editado num dos períodos de maior agitação social da História recente de Portugal. "Semear Salsa Ao Reguinho" foi logo considerado, apesar das condicionantes existentes na época, um ponto de referência na redefinição de padrões estéticos e caminhos que a música popular viria a trilhar a partir do meio da década de 1970. Nesse primeiro disco estava incluída a canção que se viria a tornar o seu êxito/emblema mais famoso, transformando-se numa das canções mais importantes e divulgadas do imaginário colectivo português – "Menina Estás à Janela".

Unanimemente reconhecido pela crítica e pelo público, o elevado grau de qualidade artística e de produção alcançado na transposição do disco "Eu Que Me Comovo Por Tudo e Por Nada" (álbum vencedor do Prémio José Afonso/93 e do Se7e de Ouro/92 para Música Popular) para o palco, resultou da atitude desde sempre interessada e empenhada utilizada por Vitorino nos projectos em que participa, nunca prescindindo da sua total independência e autonomia criativa. As suas assumidas e sempre presentes raízes alentejanas são uma marca que parece surgir do "fundo dos tempos", nunca deixando Vitorino de lhes acrescentar um "toque" de modernidade e de as enriquecer com o culto da poesia e da palavra.

Já nos finais de 2002 Vitorino lança "As mais Bonitas 2", um disco que reúne alguns dos seus maiores êxitos como "Desde El Dia En Que Te Vi", "O Dia Em Que Me Queiras" e "Alentejanas e Amorosas". Em 2004, Vitorino propôs uma viagem ao imaginário do futebol romântico, que nos fazia sonhar, longe do "tudo se compra e tudo se vende"com o sugestivo "Ninguém nos Ganha aos Matraquilhos". ■

A Balada da Margem Sul (A Barraca)

O ÓDIO ANDA à solta nas grandes metrópoles.

A necessidade, a insegurança, o futuro sombrio transformaram o homem – e principalmente a juventude – numa massa irregular, inconstante e suicidária.

Os bandos, cada vez mais frequentes e maiores, criam-se não por solidariedade ou afectividade, mas por obediência a um espírito de guerra, de agressão. Trata-se de excluir e marginalizar o "OUTRO", e acredita-se que a morte do adversário/inimigo é a garantia da vida própria e do futuro sem manchas.

O pano de fundo mais evidente de toda esta linha doutrinária é o racismo.

Nada mais fácil que identificar a diferença pela cor da pele.

Apesar de essa pele diferente deixar de ser importante quando o seu portador for milionário ou alta figura social – o que prova muito claramente que, no fundo, o racismo não passa de uma mistificação e de um embuste que mascara a verdadeira verdade - a continuidade *ad eternum* ?, da luta de classes.

Na margem sul do Tejo, frente a Lisboa, zona de grande tensão e conflitos entre a população, causados pelo desemprego e encerramento de unidades industriais, vivem grupos de jovens radicalmente inimigos.

Os mais célebres e activos são os *skinheads* e os negros marginais.

Comunidades opostas, rivais, mas de idênticos princípios sectários e dogmáticos, são confrontadas com o amor absurdo e proibido que nasce entre um *skin-head* e uma negra.

Trata-se de uma possível versão contemporânea de um dos pontos altos da dramaturgia universal (Romeu e Julieta) e dos grandes temas que a humanidade transmitiu de pais para filhos: amores contrariados, conflitos inter-racicos e desencontro entre o sonho, a esperança e o fatalismo trágico. ■

Grândola Vila Morena

(Zeca Afonso)

Grândola, vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade

Dentro de ti, ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola, vila morena

Em cada esquina, um amigo
Em cada rosto, igualdade
Grândola, vila morena
Terra da fraternidade

Terra da fraternidade
Grândola, vila morena
Em cada rosto, igualdade
O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola, a tua vontade

Grândola a tua vontade
Jurei ter por companheira
À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade

Júlio Isidro

NASCEU EM LISBOA a 5 de Janeiro de 1945. Pouco tempo depois de completar 15 anos, no dia 16 de Janeiro de 1960, estreou-se na RTP, ao lado de Lídia Franco e João Lobo Antunes como apresentador do *Programa Juvenil*.

Em 1968 começou a trabalhar no Rádio Clube Português à noite, apresentando noticiários, enquanto durante o dia era delegado de propaganda médica.

Fungagá da Bicharada foi um programa de grande sucesso nos anos de 1974 e 1975. Em Outubro de 1976 passou a ser também uma revista de banda desenhada, de periodicidade quinzenal, com direcção do próprio Júlio Isidro.

Em *Arte & Manhas*, na RTP, adoptou a personagem "Tio Julião" e pôs em prática o seu gosto pelas artes manuais

1978 é o ano de *Jardim Jaleco* em colaboração com Carlos Mendes e Joaquim Pessoa.

A história da televisão e da rádio portuguesa ficou definitivamente marcada por grandes sucessos criados por Júlio Isidro. Além de diariamente apresentar *Grafonola Ideal*, com Margarida Mercês de Mello, onde também colaboraram nomes como Mário Viegas, com quem fez o célebre programa *Palavras Ditas*. Criou um novo tipo de programa para os sábados, o *Febre de Sábado de manhã* uma grande festa, de três horas em directo. Na sequência do enorme sucesso do programa de rádio, é convidado por Maria Elisa a transpor o formato para a televisão. Nasce assim *O Passeio dos Alegres*.

Nas tardes de domingo da RTP os sucessos repetem-se com programas como *O Passeio dos Alegres*, *Festa é Festa* e *A Festa Continua*. Em todos havia música, passatempos, entrevistas e momentos de humor.

Em 1985 aparece com o programa *Arroz Doce* (que era para se chamar "Amigo Público"), desta vez à noite. O estúdio era uma sala de estar e a porteira do prédio era Eunice Muñoz. O programa, que tinha no "Pau de Canela" o seu órgão de informação, não teve, contudo, grande adesão.

A partir de 1986 apresentou o *Clube dos Amigos Disney*, um formato inovador em termos europeus e que o levou a ser convidado para colaborar com a Walt Disney Company, como consultor criativo, concebendo espectáculos extra-fronteiras. Lança o livro "Histórias do Tio Julião".

Foi aos Estados Unidos da América para estudar realização e produção televisiva na UCLA , Universidade da Califórnia Los Angeles. Colabora com a revista "TV-Guia" com entrevistas e artigos sobre Hollywood.

Fez centenas de entrevistas a grandes nomes do cinema americano e inglês para além de vedetas da música internacional.

Foi director-geral da Telecine-Moro onde produziu programas como *Regresso ao Passado* e *E.T. – Entretenimento Total*.

Em 1991 funda a "JIP- Júlio Isidro Produções" . Em meados da década de 90 passou para o canal privado de televisão TVI onde criou programas como *Turno da Noite*, *Dar que Falar* e *Olhó Popular*.

Em 1997 regressa à RTP para comandar os programas *Antenas no Ar* e *Jardim das Estrelas*. Apresenta também o programa *O Amigo Público* (1998/9). Numa emissão especial do programa *Jardim de Estrelas*, seis horas em directo, no dia 16 de Janeiro de 2000, através da RTPi e RTP África, foram festejados os 40 anos de actividade televisiva de Júlio Isidro.

Segue-se o concurso *Agora é Que São Elas* e na RTP2 o magazine *A Outra Face da Lua*.

Em 2001 estreou na RTP 1 e RTP Internacional os programas *Tributo a...* e *Entrada Livre*.

O programa *O Passeio dos Alegres – 20 Anos Depois*, novamente com Júlio Isidro, mas sem ser produção sua, não obteve o sucesso das emissões originais.

Faz pequenas rubricas para os programas *Praça da Alegria* e *Portugal no Coração*. Apresenta ainda alguns dos programas comemorativos dos 50 anos da RTP. É um dos apresentadores do programa *Portugal no Coração*.

É convidado especial dos Gato Fedorento no programa *É Uma Espécie de Reveillon*.

Apresentou ainda eventos especiais, como a Gala dos 50 anos da ONU, a inauguração da RTP ÁFRICA e RTP Internacional e a Gala da FIFA (1997).

Actualmente colabora com a Antena 1 com o programa "A Ilha dos Tesouros".

Apresenta na RTP1 o programa *Quarto Crescente*. Colabora também na RTP Memória onde já fez os Programas *Operação Lua - 40 anos*, *Amália - dez anos depois* e *Especial 2009- passagem de ano*.

A sua actividade estende-se também à imprensa escrita, à publicidade à música. É autor de vários livros infantis.

Confessa que o trabalho que mais gostou de fazer na vida foram os noticiários do Rádio Clube Português, onde o 25 de Abril o encontrou especializado na «técnica da metáfora».

Júlio Isidro é apaixonado pelo aeromodelismo. A primeira taça que ganhou foi aos 13 anos. Além de praticar, incentiva novos talentos.

Frequentou o curso superior de Engenharia Mecânica que não chegou a concluir. ■

Sílvia Alberto

SÍLVIA ALBERTO nasce em Lisboa, a 18 de Maio de 1981.

Trabalha na RTP1. É licenciada em Teatro, pela Escola Superior de Teatro e Cinema e está a fazer mestrado na Faculdade de Letras.

Inicia o seu trabalho em televisão em 2000, como apresentadora do programa *Clube Disney* na RTP1, em 2001 seguiu-se *Clube da Europa* na RTP2, função que vai acumular com a de locutora do *Programa da Manhã*, na Mix FM, onde trabalhou até 2002. Nesse ano, muda de estação e começa a trabalhar na SIC, como repórter.

Em 2003 apresentou, ao lado de Pedro Granger, *Ídolos*, programa que lhe traria maior visibilidade. O programa teve duas séries e lançou a carreira de Nuno Norte e Luciana Abreu. Em 2004 e 2005 apresenta ao lado de Herman José e Fátima Lopes, a Gala Anual Globos D'Ouro.

Em 2006, já na RTP1 apresentou a primeira temporada de *Dança Comigo*. Na RTP 1 seguiu-se *Aqui há Talento*, a 3.ª série da *Operação Triunfo* e *Olha quem Dança*.

Apresentação
Clube Disney (2000)
Clube da Europa (2001)
Flash (2003)
Ídolos (2003-2004)
Senhora Dona Lady (2004-2005)
Dança Comigo (2006)
Aqui há Talento (2007)
Operação Triunfo (2007-2008)

RTP:
Clube Disney (2000)
Clube da Europa (2001)
Natal dos Hospitais
Dança Comigo (2006)
Aqui Há Talento (2007)
Operação Triunfo (2007-2008)
Olha Quem Dança
Febre da Dança
Festival RTP da Canção (2008, 2009, 2010)
Melhor Canção de Sempre Festival RTP da Canção
O Último Passageiro (2009)

SIC:
Catarina.com (2002)
Flash (2003)
xtase
Ídolos (2003-2004)
Gala Globos de Ouro (2004 e 2005)
Gala Bolas de Natal
SIC 10 Horas
Senhora Dona Lady (2004-2005) ■

REPÚBLICA DE ABRIL
Homenagem à Mulher Portuguesa
COLISEU DOS RECREIOS
5.ª feira, 15 de Abril, 21H30
GRAVAÇÃO PARA A RTP
Produção
Apoio
RTP